

Rezek impõe condição a Cuba

WASHINGTON — O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, afirmou ontem que não programará sua já anunciada visita a Havana enquanto o governo cubano não fizer um gesto positivo como, por exemplo, assinar o tratado de Tlatelolco, de 1967, que baniu as armas nucleares da América Latina. Segundo o chanceler, a decisão foi tomada antes da visita do presidente Fernando Collor e é do conhecimento do governo cubano. A determinação parece indicar, no entanto, uma nova disposição de Brasil de coordenar sua política cubana com os EUA.

A situação de Cuba foi tema da conversa que Collor teve a sós com o presidente George Bush, terça-feira. "Os países latino-americanos se harmonizam na falta de simpatia por políticas de isolacionismo e de desestabilização de governos da região", afirmou Rezek. "Além disso, sabemos que o caso cubano é bastante original, pois há respeito dentro do governo pelo chefe do governo." A projeção histórica da imagem de Fidel Castro, de acordo com ele, "não é a de algumas pessoas que recentemente foram por água abaixo na Europa do Leste".

Rezek reconheceu que os EUA e o Brasil têm posições diferentes sobre esse ponto. Mas, numa iniciativa que certamente será bem recebida em Washington, disse que o Brasil gostaria muito de ver, da parte de Cuba, gestos de boa vontade que permitissem uma aproximação. Citou, como exemplo, a adesão cubana ao tratado de Tlatelolco. O governo de Havana é o único não signatário do documento. Segundo fontes diplomáticas brasileiras, o governo cubano deu sinais recentemente de que está reavaliando sua posição sobre o tratado de Tlatelolco. Collor e Fidel já confirmaram presença na reunião de líderes do mundo ibero-americano que o México fará em Guadalajara, em meados do mês que vem.